

«As costas de Deus»: escatologia literária
«The shores of God»: literary eschatology

Edevilson de Godoy*

Recebido: 10/10/2020

Aprovado: 22/11/2020

Resumo

O artigo discute a obra *La schiena di Dio: escatologia e letteratura*, autoria de Francesco Brancato, desde a literatura conduz o leitor às questões escatológicas. O teólogo siciliano revela as razões do título apenas no final. As *costas de Deus* refere-se às realidades contraditórias da condição humana. Imersos nas ambiguidades históricas somos incapazes de acolher a plenitude da revelação. A visão perfeita e harmoniosa da face divina é impossível para o homem terreno. Remete-nos a um fragmento dos *Contos de Hassidim* publicado por Martin Buber em 1950. A obra coloca-nos diante dos limites da vida com um olhar de esperança. Convida-nos a amá-la com alegria, mística e profecia. A literatura oferece-nos uma contribuição inestimável sobre as dimensões profundas e misteriosas da existência, tais como: sofrimento, tédio, morte, julgamento, inferno e paraíso. Todavia, permanece por demais no âmbito antropológico, já que a salvação definitiva se insere na esperança apocalíptica da fé cristã capaz de fazer novas todas as coisas.

Palavras-chave: Escatologia, Literatura, Morte, Sofrimento, Revelação.

Abstract

The article discusses the work *La schiena di Dio: escatologia e letteratura* authored by Francesco Brancato, from the literature it leads the reader to eschatological questions. The Sicilian theologian reveals the reasons for the title only at the end. The *back of God* refers to the contradictory realities of the human condition. Immersed in historical ambiguities, we are unable to accept the fullness of revelation. The perfect and harmonious vision of the divine face is impossible for the earthly man. Remits us to a fragment of the *Tales of Hassidim* published by Martin Buber in 1950. The work places us before the limits of life with a look of hope. It invites us to love it with joy, mystique and prophecy. The literature offers us an invaluable contribution about the deep and mysterious dimensions of existence, such as suffering, boredom, death, judgment, hell and paradise. However, it remains too much in the anthropological sphere, since final salvation is part of the apocalyptic hope of the Christian Faith able to make all things new.

Keywords: Eschatology, Literature, Death, Suffering, Revelation.

Introdução

Os romancistas criaram, através de seus personagens, cenários dinâmicos e complexos em que emergem os dramas fundamentais da existência. O livro *La schiena*

* Edevilson de Godoy é doutor em Teologia e em Ciência da Religião pela PUCSP e é professor no ITESP.

di Dio: escatologia e letteratura de Francesco Brancato¹ insere a literatura nos *Novísimos* por meio de autores que discutem questões denominadas pela teologia católica de realidade escatológicas.

A obra tem duas partes e uma nota conclusiva de Franco Rella, conhecido filósofo e escritor italiano, professor titular de Estética no Istituto Universitario di Architettura di Venezia (IUAV) que partilha a visão do autor, segundo o qual, a literatura e a arte no geral, penetra nos mistérios profundos do existir, portanto, imprescindíveis para o debate escatológico. Os romancistas mencionados são plurais, porém, focados no esforço para compreender o homem, o sentido das coisas e, principalmente, a existência no mundo. A obra navega com leveza e seriedade pelo fascinante oceano da literatura investigando o mistério da vida, sobretudo, no seu *escaton*.

Brancato, teólogo siciliano de Catania, conduz seu leitor até a conclusão da obra para finalmente revelar as razões do título. A teologia aprendeu a definir as coisas contraditórias, obscuras e finitas da condição humana a partir da metáfora *as costas de Deus*. Já que a visão plena, perfeita e harmoniosa da face divina é impossível para o homem terreno devido sua finitude. Essa reflexão remete-nos a um fragmento dos *Contos dos Hassidim* publicado por Martin Buber em 1950, fundamentando-se na tradição hebraica da Europa central.

Os romancistas em diferentes espaços históricos, sociais e geográficos estão sempre atentos aos temas centrais da vida. Os personagens estão em busca de novas significações, expressam seus interesses, maldades, culpas e apocalipses. Na verdade, as interrogações desses personagens brotam do coração do romancista inserido na cultura histórica com suas dúvidas e esperanças, denúncias e profecias. O cenário da obra é a projeção dos *insights* do autor. Muitos romances apontam para o futuro pleno da existência, denominado pela teologia como *Novísimos*: morte, juízo, inferno e paraíso.

O interesse do autor por temas escatológicos não é novidade, já que, possui outras publicações sobre o assunto. Seu perfil é perscrutar a identidade das criaturas com suas indagações e utopias, medos e esperanças. Procura mostrar que o horizonte

¹ O teólogo é conselheiro nacional da Associação Teológica Italiana, professor no Studio Teologico San Paolo de Catania (Itália) e docente convidado de outras instituições acadêmicas. Publicou várias obras na esteira interdisciplinar de escatologia e ciências humanas, como: *Realtà escatologiche* (2013), *Dio, uomo e mondo nel pensiero di Hans Jonas* (2013), *Incontrarsi alla fine. Esercizi di dialogo sulle realtà ultime* (2012), *L'ombra delle realtà future. Escatologia e arte* (2012), *La questine della morte nella teologia contemporanea. Teologia e teologi* (2005).

dos sentidos é mais amplo que as restritas visões quotidianas. Há um significado que transcende o pragmatismo empírico, uma verdade profunda escondida naquilo que o Eclesiastes denomina movimento cíclico das coisas.

Do início ao fim, o texto dialoga com nomes relevantes da literatura como Pirandello, Kafka, Dostoievski, Bernanos, Leopardi, dentre outros. Brancato passeia pelas obras dos romancistas com olhos de águia, apontando detalhes existenciais em diferentes realidades históricas. Desde a literatura, na maioria das vezes, desprovidas de militância confessional, cava respostas para o futuro definitivo ou perdido para sempre.

Sua pesquisa literária é parcial e subjetiva. Não seria possível estudar a literatura universal numa obra. Nota-se também a ausência da literatura feminina, poetisas e escritoras que discutiram sobre o destino da vida com suas luzes e sombras. O livro não faz da literatura uma serva obediente da teologia, mas apresenta uma relação dinâmica e aberta, desprovida de discursos apologéticos. Não deseja converter os romances e os romancistas. Faz um rico trabalho de olhar para as realidades finais desde a literatura, sem recorrer ao dogmatismo.

1. O homem e seu destino

No primeiro capítulo discute a existência no mundo com seus dramas, angústias e contradições desde a literatura. O homem é histórico, completamente inserido no tempo e no espaço, enraizado na árvore da cultura. O texto desloca-se de Alberto Moravia, precisamente, a obra *La noia* em que define a historicidade como estado de ânimo vasto, obscuro e absurdo do qual no final das contas é incapaz de sair. Os personagens de Kafka, por exemplo, vivem uma espécie de lacuna no tempo, enquanto em *O Ponto ômega* de Don DeLillo a vida parece nunca terminar, ao contrário, dá a impressão de consumir-se lentamente, caminhar ao encontro da morte. Neste horizonte, em que o tempo é uma poeira de instantes, qual o sentido de colocar a questão do fim do homem e do mundo?

Parece-me que uma verdadeira dor que sai do íntimo do homem, pertence, antes de tudo, a Deus. Trato de recebê-la humildemente em meu coração, tal qual é, esforço-me por fazê-la minha, por amá-la. E compreendo todo o sentido oculto da expressão hoje tão banal *comungar com*, porque, na verdade, comungo com essa dor (BRANCATO, 2019, p. 33, tradução nossa).

Dostoievski em *O idiota* está convencido que vida é dor, medo e o homem é infeliz. Agora tudo é dor e medo. Agora o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. Agora ainda não é o que será. O homem novo, feliz e pleno virá. Aquele que

vencerá a dor, o medo e a morte. Então tudo será transformado. A história será dividida em duas partes: do gorila ao aniquilamento de Deus e deste à transformação física da terra e do homem. Em *Os irmãos Karamázov* descreve uma família do interior da Rússia como tantas outras. O pai, Fiódor é um homem sensual, libertino e tirânico; seus quatro filhos, muito diferentes na personalidade: Aliocha místico generoso, Ivan ateu intelectual racionalista, Dimitri passional instintivo e Smerdiakov epilético desprezado pela família. O tema do parricídio acompanha a obra. Neste cenário o romancista percorre os labirintos da alma com sua iniquidade e santidade. Elabora uma profunda reflexão sobre a existência de Deus, sobre significado da vida na alegria, na dor, na vida e na morte:

Dir-se-á talvez que, há muito, o mundo se familiarizou com o tédio, ele é a verdadeira condição do homem. É possível que a semente espalhada por toda a parte germinasse, aqui e ali, em terreno favorável. Pergunto, porém, se os homens conheceram algum dia esse contágio do tédio, essa lepra! Um desespero malogrado, uma forma torpe do desespero que é, sem dúvida, como que a fermentação de um cristianismo desfigurado (BRANCATO, 2019, p. 8, tradução nossa).

Entre os autores recordamos Bernanos para o qual literatura e teologia se fecundam reciprocamente e coabitam nas mesmas páginas. Nele alguns temas são recorrentes: infância, tentação ao desespero, solidão, medo, compaixão, agonia, esperança, resistência, tempo vivido na liberdade, eternidade, o nada como tensão. Em *Diário de um pároco de aldeia* diz que aquilo que o aflige e o enterra mais que tudo é o tédio que parece embrulhar como névoa todas as coisas: as casas, a face das pessoas confiadas ao seu cuidado espiritual, vê em todos o desamor pelo ministério e a vida eclesial, mas também pela mensagem evangélica. O ânimo da pequena paróquia encontra-se fechado a qualquer perspectiva de futuro e salvação. Vive o próprio presente, sente a existência cotidiana sem expectativas especiais ou explosões do coração. A cotidianidade parece devorar tudo, arrancando da vida qualquer sentido. Tudo é tédio:

A mesma solidão, o mesmo silêncio. E, desta vez, nenhuma esperança de vencer o obstáculo ou evitá-lo. Aliás, não há obstáculo. Nada! Deus! eu respiro, eu aspiro a noite, a noite entra em mim por não sei que inconcebível, que inimaginável brecha da alma. É tudo noite em mim. Esforço-me por pensar em angústias semelhantes às minhas. Nenhuma compaixão por esses desconhecidos. Minha solidão é completa. Eu a odeio. Nenhuma piedade por mim mesmo (BERNANOS, 2011, p. 102)

Depois passa à profundidade de Kafka na análise do homem, sua necessidade de

se conhecer, perscrutar as zonas mais escondidas do coração. Apresenta a vida como projeto de esperança, mas condenada pela injustiça e pela culpa. Os personagens dos seus romances descortinam o homem solitário que não tem clareza da origem e do destino. Interprete do absurdo e do nada, do negativo como destino e da esperança desiludida:

Certa manhã, Gregor Samsa encontrou-se, na sua cama, metamorfoseado num inseto monstruoso. Deitado sobre suas costas duras como uma couraça, viu, ao levantar um pouco a cabeça, sua barriga abaulada, marrom, dividida em arcos rígidos, sobre as quais a coberta, quase escorregando de vez, mas se mantinha. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação ao volume do corpo, agitavam-se desesperadamente sob seus olhos (KAFKA, 2013, p. 7).

Diante das contradições da existência já no primeiro capítulo o autor profetiza a esperança. Em meio às angustias dos romances, Brancato, sempre insere a mística da esperança. Também dedica algumas páginas em que propõe o diálogo entre teologia e literatura sobre a escatologia. Na conclusão diz que a teologia deve perceber na cultura profana uma sábia hermenêutica do humano; dispor-se da mesma na compreensão do estar no mundo e das coisas definitivas.

2. A morte e o morrer

O segundo capítulo faz uma detalhada abordagem da morte e do morrer desde a literatura. Trata-se da parte mais longa do livro, estendendo-se da página 73 a 206. Quando nascemos começamos um processo de morte intrínseco à vida. Experimentamos sua natureza e saboreamos o seu veneno em dose quase mortal na perda das pessoas amadas, nas rugas que marcam o rosto do ancião, nas múltiplas experiências de sofrimento e dor que a vida serve a cada um:

Não tenho medo da morte: ela me é tão indiferente como a vida; não se pode exprimir tal coisa. Parece-me ter feito, para trás, todo caminho percorrido, desde que Deus me tirou do nada. Antes, não fui mais que uma centelha, um grão de pó que a divina caridade ilumina. De novo, não sou mais que isso, na insondável noite. Mas o grão de pó quase não brilha mais; vai extinguir-se (BERNANOS, 2011, p. 103).

Fui correndo ao castelo, onde cheguei banhado de suor. Esperava não sei o quê. À porta do quarto, fiz, para entrar, um grande esforço, um esforço absurdo; batiam-me os dentes. Como sou covarde! Seu rosto estava coberto com o lenço de musselina e mal lhe podia distinguir as feições; mais via, com toda a nitidez, seus lábios que tocavam o tecido. Desejaria tanto que ela sorrisse – esse sorriso impenetrável dos mortos que tão bem se harmoniza com seu maravilhoso silêncio! Não sorria. A boca, levemente retorcida para a direita, sugeria um ar de indiferença, de desdém, quase de desprezo. Ao levantar a mão para abençoá-la, meu braço pesava como chumbo (BERNANOS, 2011, p. 168).

A morte é um evento pessoal. Ninguém pode vivê-la em nosso lugar; experiência absolutamente pessoal, há um *tête-à-tête* com o próprio fim. Nela o homem vive sua solidão extrema, original e final. Diante do impulso fascinante da vida, a morte torna-se um escândalo irracional. Ainda assim, todos os viventes têm um encontro marcado com a morte quando se fecha a realidade criatural no fim da singularidade:

O que julgava perdido para além de oceanos imaginários estava diante de mim. Minha morte está aí. É igual a qualquer outra morte e nela entrarei com os sentimentos de um homem muito comum, muito ordinário. É também certo que não saberei melhor morrer que governar minha pessoa. A mesma falta de jeito, a mesma incapacidade (BERNANOS, 2011, p. 267).

A *Náusea* de Sartre discute o abandono do presente, a impossibilidade de voltar ao passado e a incerteza do futuro. A vida é inteiramente marcada pelo sinal da morte. O protagonista, um historiador chamado Antoine Roquentin, um homem na faixa dos 30 anos, que no momento da narrativa encontra-se numa cidade fictícia da França, denominada Bouville, para estudar a vida de um marquês que viveu ali no século XVIII. Nesse projeto acaba sendo invadido por sentimentos estranhos e incômodos que ele documenta em seus diários. A *náusea*, isto é, o romance é uma reunião dos diários de Roquentin envolto pelo tédio que com o passar do tempo dá o nome de náusea. Vive uma melancolia continuada, algo fora do controle, uma vontade de vomitar para liberar a angústia existencial, mas o vomito não acontece. As pessoas e o mundo lhe causam enjoo. Busca segurança e regularidade, mas tudo é incerto. Sente-se sozinho como uma garrafa vazia no mar. Ter consciência dessa realidade leva à liberdade, todavia, uma liberdade-prisão, sombria. Não é possível escapar da contingência nem da morte.

O *Crime e castigo* coloca-nos a questão da culpa, da condenação e da salvação. O crime, a confissão do estudante, a condenação torna-se símbolo da tragédia da liberdade e a necessidade e a necessidade da redenção diante do mundo e da própria consciência. Descortina-se a transcendência capaz de iluminar a liberdade e salvar a consciência:

Cem, mil boas ações e iniciativas que poderiam ser implementadas e reparadas com o dinheiro da velha, destinado a um mosteiro! Centenas, talvez milhares de existências encaminhadas; dezenas de famílias salvas da miséria, da desagregação, da morte, da depravação, das doenças venéreas – e tudo isso com o dinheiro dela. Mate-a e tome-lhe o dinheiro, para com sua ajuda dedicar-se depois a servir a toda a humanidade e a uma causa comum: o que você acha, esse crime ínfimo não seria atenuado por milhares de boas ações? Por uma vida – milhares de vidas salvas do apodrecimento e da desagregação. Uma morte e cem vidas em troca – ora, isso é uma questão de aritmética (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 80).

A partir de César e Napoleão responsáveis por muitas mortes que entraram para a história como heróis conquistadores. O jovem sente-se oprimido pela velha que no livro simboliza a exploração capitalista. Por isso, imagina que a exemplo de Napoleão que matou milhares de pessoas e foi absolvido pela história, também poderia ser caso matasse a velha. Mas tomado por grande sentimento de culpa. *Eu mataria e saquearia aquela velha maldita e lhe garanto que sem nenhum remorso – acrescentou o estudante com fervor. O oficial voltou a gargalhar, mas Raskólnikov estremeceu. Como aquilo era estranho.* (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 80).

Raskólnikov, o jovem protagonista de *Crime e castigo*, após sua condenação e deportação na Sibéria chega à praça Sjenaaja onde sente que estar no meio das pessoas lhe causava tédio. Isso em decorrência da culpa e do encontro com a própria consciência. As contradições da existência lhe afetam profundamente. *Ele experimentava uma espécie de angústia inteiramente nova, não particularmente penosa ou aguda, mas que parecia durável, eterna. Pressentia anos longos, fastidiosos, cheios de fria e terrível ansiedade* (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 381).

3. O juízo

No terceiro capítulo prossegue deitando raízes na seara da literatura. Desde *La província dell'uomo* de Elias Canetti em que apresenta uma inversão do juízo universal; Deus é questionado pelo escândalo do sofrimento do mundo, pelas vítimas da história e por todos que morreram nos campos de concentração. O homem moderno sente-se vítima e não pecador, aquele que julga e condena, por isso, Deus é acusado e não juiz.

Ivan Karamazov refere-se ao poema da mãe de Deus nos tomentos em que a beata virgem Maria visita o inferno. Lá, vê os pecadores e seus terríveis sofrimentos; fica profundamente chocada, une-se aos santos e anjos do paraíso para rogar a Deus a misericórdia aos condenados. Deus atende a súplica, concede-lhes a salvação da sexta-feira santa ao domingo de pentecostes, ou seja, no tempo pascal.

Na lenda *O grande inquisidor*, o mesmo Ivan, narra o retorno de Cristo à terra em Sevilha no século XVI para oferecer à humanidade nova chance de salvação na época em que os heréticos eram queimados pela Inquisição. O Filho de Deus realiza milagres maravilhosos, ilumina a existência das pessoas, ressuscita uma criança na catedral. Mas acaba preso e julgado pelo cardeal inquisidor. Em Jerusalém seus algozes não tinham fé, desta vez, é um sucessor dos apóstolos a condená-lo como destruidor da

ordem estabelecida. Ao invés de Cristo julgar, é julgado, conduta própria do niilismo moderno denunciado pelo romancista russo. O cardeal deseja convencer Jesus acerca do erro em não aceitar as tentações de satanás no deserto, principalmente àquela do poder, bem como o terrível equívoco de conceder liberdade aos homens. A lenda conclui-se com o inverso do Apocalipse no *Maratana*, vem Senhor; pelo retira-se e não volte mais aqui. Jesus imitando Judas Escariotes beija o inquisidor e desaparece:

O tema dessa lenda é o paraíso. Havia entre vocês, nesse planeta, um pensador e filósofo que “negava tudo, as leis, a consciência, a fé”, principalmente a vida futura. Ele morreu acreditando que cairia logo nas trevas e na morte, mas é a vida futura que encontrou diante de si. Então ele ficou surpreso e indignado e disse: “Isto vai contra todas as minhas convicções”. Então, ele foi condenado, por falar assim, isto é, veja só você, desculpe-me, só lhe falo por ter ouvido falar... ele foi condenado a percorrer, nas trevas, veja só, um quilômetro de quilômetros, e, depois de ele percorrer esse mil trilhões de quilômetros, logo lhe abririam todas as portas do paraíso, tudo lhe seria perdoado. (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 744).

Raskólnikov experimenta o amor pela primeira vez no encontro com Sônia, uma prostituta miserável que lhe abre a possibilidade de redenção. Em um diálogo com ela experimenta a luz durante a leitura da ressurreição de Lázaro no Evangelho de João. O jovem entra na rota da salvação, redimindo-se da culpa, da solidão e do niilismo que o atormentava.

Como eu gostaria de viver de novo! Cada minuto, cada momento da vida deve ser uma felicidade para o homem. O constante pensamento que exista algo mais justo e mais feliz que eu, enche-me de emoções infinitas [...] Para o homem a coisa mais indispensável é em cada momento saber e acreditar que existe em algum lugar uma felicidade perfeita e tranquila, para todos [...] Toda a lei da existência humana está somente nisso, que o homem possa sempre ajoelhar-se diante do infinitamente grande. Se privar aos homens o infinitamente grande, não viverão mais e morrerão no desespero. O incomensurável e o infinito são indispensáveis para o homem igual aquele pequeno planeta sobre o qual nos habitamos (BRANCATO, 2019, p. 277, tradução nossa).

Leopardi também questiona a necessidade de expiação ao afirmar que nenhum juízo conseguiria restabelecer plenamente a justiça aos oprimidos. Em *Il dilúvio universal* repreende a linguagem apocalíptica da ira divina descrevendo um Deus juiz tirano e vingativo (BRANCATO, 2019, 215). Francis Kafka supera Leopardi no discurso sobre a falibilidade do juízo. O homem kafkiano carrega consigo um mistério que torna a vida absurda e o transforma em culpado merecedor da punição. Abandonado e na solidão, anseia a salvação da culpa que não consegue libertar-se. Angustiado não consegue ser feliz, mas sempre condenado por uma justiça misteriosa (BRANCATO,

2019, p. 218). O teólogo italiano dedica várias páginas analisando a antropologia do romancista tcheco.

O capítulo ainda aborda o juízo como bondade reservada àqueles que acolhem os benefícios da paixão de Cristo. Nela Deus cancela o pecado e salva da morte. No final, o autor, depois de passear com familiaridade por grandes nomes da literatura, revela novamente sua face teológica ao defender-se dos protestos da modernidade contra Deus como insuficientes. Pois um mundo sem Deus é um mundo sem esperança, só Deus poderá estabelecer a justiça. A fé nos dá a certeza da justificação. O juízo final é a esperança do mundo. Ele é o próprio Cristo, juiz salvador que fará novas todas as coisas.

4. Inferno

O quarto capítulo intitulado *Como na terra, assim debaixo da terra: o inferno*. A narrativa aparece sempre amarrada à literatura, dialogando com grandes mestres como: Bernanos, Thomas Mann no *Doutor Faustus*, Kafka na *Metamorfose*, Dostoievski em *Crime e Castigo* e *Os demônios* dentre outros. Parte de Paul Ricoeur e sua reflexão sobre o mistério do mal e suas múltiplas manifestações. As atrocidades que homem é capaz de praticar quando se revolta contra si mesmo, contra o próximo e contra Deus. Apresenta o inferno como sinônimo de solidão sem saída, desespero definitivo. Lembra Gabriel Marcel quando trata sobre o desespero definitivo em oposição à eternidade divina. Já Bernanos o define com o domínio do mal sobre a vida.

O inferno católico é definido entre outras coisas como o maior tormento da alma. Deus é a origem da vida, para Ele caminha todo o ser. O Criador é o futuro definitivo. John Milton em *Paraíso perdido* segue a linha católica tradicional medieval, explica-o como a queda de Satanás e seus anjos. A decisão contra Deus é irrevogável, eterna. Trata-se da *vida da morte*, imperativo do ódio, das trevas, da solidão eterna. *Lugar sombrio e assustador, vale cheio de fogo [...]. O maior tormento da alma* (BRANCATO, 2019, p. 237).

Faz uma longa visita à *Metamorfose* de Kafka em que o protagonista progressiva e dramaticamente toma consciência da mutação realizada em sua vida até transformar-se em um inseto, numa enorme barata. Sua existência se torna um verdadeiro inferno. O grande inseto, Gregor Samsa, torna-se solitário, abandonado pela sociedade, pelos antigos patrões onde trabalhava e pela família. A solidão absoluta e a alienação de si mesmo causam o deslocamento para um estado sub-humano. Entretanto, mesmo

incorporado no estranho organismo da barata permanece na consciência de si mesmo. Essa chocante metamorfose provoca angustias profundas. A percepção consciente daquilo que está vivendo consiste no caminho para o inferno. Também no *Diário*, o romancista, aborda o vazio e a alienação. Espécie de deserto sem estrada, desejo de estar longe de tudo e de todos.

Conclui o capítulo afirmando que os diferentes autores citados não discordam entre si sobre a condição infernal do homem. Por um lado, definem o inferno como realidade que escapa a qualquer compreensão. Por outro, como algo muito próximo da experiência cotidiana. A impossibilidade de amar e de realizar-se como pessoa, de sentir compaixão, piedade e misericórdia. Uma partida de futebol perdida, uma existência falida (BRANCATO, 2019, p. 285).

5. Paraíso

Esse é o capítulo mais breve. Explica que a literatura aprofundou mais as dores da experiência humana. Os romancistas trataram mais dos dramas e sofrimentos que marcam a história do mundo e das pessoas, escreveram mais sobre o triste caminho para a morte e o morrer. Na sua opinião a literatura mostrou menos interesse pelos êxitos salvíficos da história e pela salvação definitiva. Todavia, existem produções literárias sobre a paraíso de grande beleza e valor.

Parte do romance *Ressurreição* de Liev Tolstói. Desde Mateus 18,21, aponta o perdão e o amor como único caminho para a realização definitiva. Sugere fazer da vida um serviço a reino de Deus e ao próximo. Narra a transformação existencial do protagonista, seu incrível renascimento pela graça do amor de Deus.

Na segunda parte do romance, por ocasião da morte do mestre Zózimo, o místico Aliocha vive uma experiência mística que lhe provoca uma felicidade indescritível. A alegria deste momento ficou guardada para sempre em sua memória:

Nós estamos na alegria, nós bebemos o vinho novo, o vinho da nova alegria, imensa; você vê todos esses convidados? Eis o noivo, eis a noiva, eis o sábio mestre-sala que saboreia o vinho novo. [...] Tenho medo... Não ouse olhar... – Murmurou Aliocha. Não O tema. Comparado a nós, Ele é infinitamente clemente, por amor Ele se fez igual a nós e partilha nossa alegria, transforma a água em vinho para que a alegria dos convidados não seque, espera novos convidados, sempre chama outros e, agora, para sempre. Veja, estão trazendo vinho novo, veja, encham as talhas... Algo ardia no coração de Aliocha, algo o preenchia até o sofrimento, lágrimas de êxtase buscavam transbordar de sua alma... Ele estendeu os braços, deu um grito e despertou. (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 401).

As últimas páginas de *Os Irmãos Karamázov* narram a morte do pequeno Iliucha. Um grupo de meninos o recordam com emoção:

Karamázov! – Gritou Kólia. – É verdade que a religião ensina, realmente, que todos nós nos levantaremos dentre os mortos, que nós ressuscitaremos e nos reveremos, uns aos outros – todos nós, Iliucha também? Certamente, nós ressuscitaremos; certamente, nós nos reveremos e, alegres e felizes, nós nos contaremos tudo o que nos aconteceu – respondeu Aliocha, meio rindo, meio entusiasmado (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 909).

Dostoevski, em seu último romance professa sua fé de que em Cristo encontraremos a redenção. Pelos lábios de Aliocha proclama seu Hosana na salvação como esperança definitiva do homem

Abriam-lhe as portas do paraíso e ele entrou: não se passaram nem dois segundos, isso de relógio na mão, dois segundos não se passaram e ele exclamou: mas por esses dois segundos podemos percorrer não apenas um quatrilhão, mas até, ele cantou “Hosana” (DOSTOIÉVSKI, 2017, p. 746).

Com uma profecia de esperança conclui sua obra-prima. No labirinto dos assuntos humanos se rende à luz da esperança cristã capaz de resgatar o homem do infernal subsolo à ressurreição.

À primeira vista Bernanos parece discutir questões banais e ingênuas. Mas, seus holofotes direcionados para mentes tristes, religiosas e marcadas pela rotina retratam questões profundas do homem e do cristianismo católico do novecentos. Em meio ao tédio e as dores abre-se para a esperança na redenção. A narrativa da angústia existencial torna-se um hino de esperança, uma oração ligando o sofrimento do homem ao do Filho de Deus e sua ressurreição que faz nova todas as coisas. Na verdade, o romancista é um *profeta da esperança*, não um apologista do pessimismo. No *Diário* denuncia o pecado contra a esperança como o mais mortal de todos. Porém, talvez, o mais praticado, o mais querido; precisa muito tempo para percebê-lo, a tristeza que o anuncia e o precede é doce, o mais estimado pelo demônio. Diante do desespero de uma existência que parece absurda ocorre a abertura para a graça de Deus. Essa interrompe o tédio, alegria do demônio. A condessa (personagem do *Diário*), isolada de todos, até de Deus, revoltada, negando perdoar a morte do filho, vive de rancor, desespero, desinteresse pela filha, pelo marido e pelo mundo. O *jovem padre* ajuda-a tomar consciência do seu inferno. Suas escolhas lhe secam a alma. *O inferno, senhora é não amar mais*. Ao término da dramática conversa a condessa resigna-se à graça; uma profunda paz inunda seu ser. Brota nela uma esperança bonita como carne da sua carne:

O inferno, minha senhora, é a ausência do amor. A ausência do amor: isso soa aos seus ouvidos como uma expressão familiar. Não mais amar significa, para o homem vivo, amar menos, ou amar de outra forma. E se essa faculdade que nos parece inseparável do nosso ser, que é o nosso próprio ser - compreender é ainda uma forma de amar - se essa faculdade pudesse, e continuar vivendo. O amor é mais forte que a morte: está escrito nos livros santos. Não fomos nós que inventamos o amor. Ele tem sua ordem, sua lei. O amor está nas mãos de Deus. Deus é o dono do amor; ele é o próprio amor. Se quer amar, não se coloque à margem do amor (BERNANOS, 2011, pp. 156- 157).

A esperança nos coloca além da morte, possibilita-nos um encontro com as pessoas amadas. Na condessa a esperança restituiu-lhe o filho morto, vivo de uma vida plena. A esperança revoluciona a vida porque confere a seus elementos essenciais: morte, amor, dor, angustia, limitação; uma amplitude de significados capazes de lançar-nos ao encontro consigo mesmo acolhendo a própria história no amor, na compaixão e na misericórdia:

Pequei, voluntariamente, contra a esperança, a cada hora do dia, durante onze anos, terei dito tudo. A esperança! Eu a tive morta entre meus braços na terrível noite de um mês de março, cheio de vento e desolação... Senti seu último suspiro no meu rosto, em um lugar de que me lembro. E agora a esperança voltou. Desta vez, não apenas emprestada, mas dada. Uma esperança inteiramente minha, só minha, que não se parece com o que os filósofos chamam de esperança, como a palavra amor não se parece com a pessoa amada [...] É inexprimível. Seria necessário possuir o vocabulário das crianças (BERNANOS, 2017, p. 166)

Em seguida, dialoga com Mario Luzi, poeta e crítico literário fiorentino, precisamente com a poesia *Pasqua orciana*, desenvolvendo a metáfora da primavera que acorda o inverno. *É inverno ou primavera? Não sabemos e não somos nada na multiplicidade das aparências, porém dentro a vida, dentro o maravilhoso instante* (LUZI, *Il Cane Randagio*). A vida esvai-se na consciência ou na inconsciência sobre seu sentido. O tempo, semelhante ao vale é o espaço em que acontece a existência entre certezas e incertezas acerca do significado da mesma. As indagações que povoam são a essência do existir. A vida acontece no vale do tempo do qual o sentido derradeiro às vezes se sabe e noutras se escapa. A poesia de Mario Luzi é uma viagem que nos aproxima do mistério do ser, apresenta uma inquieta, profunda e interdisciplinar interrogação da vida. Na poesia a experiência humana se descortina, para além do estilo interrogativo enquanto marca própria de sua obra, onde a morte é interpretada como uma nova e misteriosa possibilidade da realização definitiva do homem. O questionamento é a estrutura do devir no mundo, viver perguntando revela a face oculta

do fenômeno humano. A exortação para assumir um olhar de graça, de gratidão, de mistério sobre Florença, um olhar de fé sobre uma cidade com suas contradições: a cinza, a poeira envolta, estranha e pessimista; tipo de um fogo que não queima e não ilumina mais. Apesar das sombras, um olhar de esperança, contemplação, gratidão, profecia e amor, desde o Espírito Santo.

Considerações finais

Para as questões finais não temos respostas. Nisso esconde-se o sentido deste livro. A contribuição literária consiste na tentativa em dizer aquilo que foge da razão (BRANCATO, 2019, p. 313). Diante das incongruências da vida, da morte e do fim de todas as coisas exorta o leitor à esperança. A missão da teologia é apontar Cristo como esperança para o mundo. O Profeta da Galileia sentiu na pele a precariedade da condição humana, os dramas e enfermidades do homem de todos os tempos condensam no crucificado, no seu rosto desfigurado. A ressurreição do Messias sofredor, a inauguração de um novo gênero de existir aberto para todos, torna-se a razão suprema da esperança. Revelação do Amor que faz nova todas as coisas, maior que as dores e humilhações do viver, mais forte que a morte será a realização definitiva da existência:

O Cristo glorioso, na realidade traz consigo, na sua carne, para sempre, as marcas da paixão, a memória do desprezo dos homens, do sofrimento e da morte, o sentimento do abandono e do silêncio do Pai (BRANCATO, 2019, p. 315, tradução nossa).

Em Cristo a verdade é plenamente revelada. Durante a experiência histórica, devido à precariedade da existência, vemos sinais da face de Deus. Assim como Moisés contemplou suas costas porque estava com a cabeça no meio das rochas quando o Criador por ali passou, igualmente neste mundo, não poderemos alcançar a perfeição e a resposta para todas as coisas. Será no *Escaton* a revelação de todas as coisas onde O veremos face-a-face e atingiremos a plenitude da vida.

O livro termina reconhecendo a beleza da literatura. Sem dúvidas, o romance também é um tratado sobre o homem na amplitude de suas complexas dimensões e sobre Deus. Não apenas a filosofia e a teologia são mestras nesses assuntos, faz-se necessário ouvir a voz da literatura. Porém, como todas as ciências humanas, esbarra-se nos em seus limites diante da nobre missão de percorrer os labirintos do existir, do morrer e do salvar-se. A literatura permanece na esfera imanente; ou seja, o romance fotografa o mundo, a sociedade e alma no horizonte histórico-terreno. Não penetra no

sobrenatural. Também a teologia não dá conta desta missão, todavia, a última pelo viés da fé e da mística vai mais longe segundo. Enquanto, a literatura permanece sobremaneira no viés antropológico. O ponto final é um convite à compaixão de nós mesmos. Depois, nossas dores não nos pertencem. Ele as assume, em seu coração estão as nossas dores.

A obra coloca-nos diante da vida com seus limites, dramas e contradições com o olhar da esperança. Precisamos amá-la com alegria, mística e profecia. Caminhar sempre na esperança do face-a-face onde está a plenitude. O teólogo siciliano, apresentou uma aventureira viagem sobre o mistério do mal, do sofrimento, da morte e das coisas futuras desde os grandes da literatura, sem nada reprimir. Sua conduta é inteiramente dialógica e respeitosa, mais que isso, grata pela inestimável contribuição da literatura para a escatologia. Todavia, no final escolhe Cristo como razão de todas as esperanças.

Referências bibliográficas:

- BERNANOS, G. *Diário de um pároco de aldeia*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- BERNANOS, G. *Sob o sol de satã*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- BRANCATO, F. *La schiena di Dio: escatologia e letteratura*. Milano: Jaca Book, 2019.
- BRANCATO, F. *Realtà escatologiche*. Assisi: Cittadella Editrice, 2013.
- BRANCATO, F. *Il futuro dell'universo: cosmologia ed escatologia*. Milano: Jaca Book, 2017.
- BRANCATO, F. *La materia vivente: Dio, uomo e mondo nel pensiero di Hans Jonas*. Padova: Edizione Messaggero, 2013.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- KAFKA, F. *Metamorfose*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- KAFKA, F. *O processo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- KAFKA, F. *O castelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LUZI, M. *Il cane randagio*. In <https://ilcanerandagio.wordpress.com/2009/04/14/pasqua-orciana/>
- PIRANDELLO, L. *O velho Deus*. São Paulo: Berdendis & Vertecchia, 2002.
- RELLA, F. *Territori dell'umano*. Milano: Jaca Book, 2019.